

VARIAÇÃO VERBAL NO DOMÍNIO FUNCIONAL TEMPO-ASPECTO- MODALIDADE (TAM)

Edair Maria Görski

Universidade Federal de Santa Catarina

1. INTRODUÇÃO¹

A proposta inicial para este capítulo era de apresentar uma espécie de mapeamento dos usos variáveis de formas verbais que expressam tempo na fala florianopolitana (amostra Varsul/Florianópolis-SC), uma vez que várias dissertações e teses sobre esses fenômenos foram desenvolvidas sob orientação da autora². Esse propósito foi, contudo, redirecionado por conta de alguns fatores de ordem

¹ 25 anos transcorreram desde que passei a fazer parte do Núcleo Interinstitucional Varsul/UFSC e a conviver estreitamente com Izete Lehmkuhl Coelho. Inúmeras foram as horas compartilhadas em discussões teóricas e metodológicas, algumas das quais se encontram refletidas nos trabalhos reportados neste texto, os quais tiveram o privilégio de ser acompanhados, em alguma medida, pelo olhar crítico da pesquisadora, seja em grupos de estudos, em bate-papos pelos corredores ou em bancas de defesa. Inúmeras também foram as ocasiões em que planejamos projetos, formulamos questões e hipóteses de pesquisa durante intermináveis viagens para congressos, atrapalhando o sono dos passageiros... Não obstante a perspectiva gramatical que nos distingue (mas talvez até por isso!), nossas parcerias acadêmicas sempre rende(ra)m ótimos frutos. É uma honra e um grande prazer participar desta coletânea que homenageia minha amiga!

² Trabalhos vinculados aos projetos de pesquisa “Variação e mudança em categorias verbais” e “Modos verbais e verbos modais: uma abordagem sociofuncionalista da modalidade”, desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC.

teórico-conceitual e metodológica que estão diretamente implicados nos achados das pesquisas e que, a nosso ver, devem ser cuidadosamente esquadrihados antes de se falar em resultados quantitativos, em especial antes de se cotejar resultados. Essa questão se torna ainda mais problemática se decidirmos fazer análise comparativa de trabalhos de diferentes pesquisadores que investigam o mesmo objeto em amostras de gêneros textuais/discursivos distintos e até em amostras de um mesmo gênero (cf. PIMPÃO; GÖRSKI, 2010; PIMPÃO, 2012; BRAGANÇA, 2017).

No caso específico abordado neste capítulo, o fator mais importante tem a ver com a natureza dos fenômenos variáveis, os quais se situam no domínio funcional multidimensional do tempo-aspecto-modalidade (TAM) (GIVÓN, 1984; 2001), sendo atravessados por diferentes categorias gramaticais fortemente caracterizadas por traços semântico-pragmáticos que se materializam e são captados no nível textual/discursivo. A complexidade que envolve TAM está presente tanto no fenômeno variável em si como nos condicionadores contextuais, ou seja, em termos de análise variacionista, tanto na variável dependente como nas variáveis independentes. Decorre disso que uma sistematização do comportamento variável dos tempos verbais requer que os envelopes de variação sejam delimitados a partir de critérios claros, assentados conceitualmente numa base comum, e que os fatores que compõem as variáveis independentes sejam minuciosamente descritos.

Em face a essa problematização inicial, optou-se por, primeiramente, discutir, à luz da noção de domínio funcional, a definição de diferentes fenômenos que envolvem o uso variável de tempos verbais – a delimitação dos envelopes de variação – para depois, considerando essa discussão, apresentar alguns dos resultados frequenciais mais relevantes das pesquisas revisitadas, sem, contudo, entrar em detalhamentos associados a variáveis independentes, por limitação de espaço. Em vista disso, o capítulo se organiza em torno dos seguintes tópicos: o domínio funcional multidimensional TAM; critério para delimitação das variáveis; definição e análise dos envelopes de variação; e considerações finais.

2. O DOMÍNIO FUNCIONAL MULTIDIMENSIONAL TAM

A noção de domínio funcional está atrelada aos estudos de tipologia gramatical de orientação cognitivo-funcional, em que a gramática é concebida como função adaptativa e como estrutura. A função adaptativa envolve representação cognitiva e comunicação do conhecimento/da experiência – facetas que se correlacionam de forma interativa em diferentes níveis. A representação cognitiva abrange o léxico conceptual, a semântica proposicional (nível da sentença) e a pragmática multiproposicional (nível da coerência discursiva). Já a comunicação

do conhecimento/da experiência envolve os códigos sensorio-motor e gramatical, de modo que há uma estreita correlação entre léxico e código sensorio-motor e entre semântica proposicional/pragmática multiproposicional e código gramatical. Dessa forma, a gramática como estrutura codifica articuladamente os planos da semântica proposicional e da pragmática discursiva. (GIVÓN, 1984, 2001, 2002).

Esses dois planos integrados podem ser subdivididos em domínios funcionais – em funções comunicativas –, os quais se interseccionam e se sobrepõem num espaço multidimensional. A noção de domínio funcional, portanto, não é absoluta, mas relativa. Devido ao caráter multidimensional dos domínios funcionais, um domínio maior frequentemente se subdivide em subdomínios que interagem, podendo se sobrepor em alguma medida. Essa interação (inter)(sub)domínios se dá em virtude do caráter contínuo da mudança linguística decorrente de processos de gramaticalização, que envolvem a emergência e difusão de padrões de uso motivados pela interação entre aspectos cognitivos e comunicativos ou contextuais. (GIVÓN, 1984, 2001, 2002; GÖRSKI; TAVARES, 2017).

A interação (inter)(sub)domínios funcionais pode ser ilustrada por TAM – um domínio funcional complexo e amplo em que as três categorias (tempo-aspecto-modalidade)³ atuam articuladamente com escopo gradiente. Se focarmos cada uma delas, podemos perceber três domínios funcionais distintos que, por sua vez, se dividem em subdomínios: tempo – passado, presente, futuro; aspecto – perfectivo, imperfectivo; modalidade – deôntica, epistêmica. Cada um desses subdomínios também pode se subdividir: passado – pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, pretérito imperfeito e assim por diante.

O modelo de domínios funcionais prevê a possibilidade de uma estratégia estrutural servir a mais de um domínio, preenchendo várias funções simultânea ou alternativamente (LEHMANN, 2011) – o que podemos associar à multifuncionalidade. Por outro lado, Hopper (1991) vincula à noção de domínio funcional o princípio da estratificação, segundo o qual novas camadas estão continuamente emergindo dentro de um domínio funcional sem que as camadas (formas) mais antigas necessariamente desapareçam, ou seja, diferentes camadas podem coexistir

³ Os termos *tempo*, *aspecto* e *modalidade* remetem tanto à noção de categoria – a contraparte de natureza gramatical/estrutural – como à noção de domínio funcional – a contraparte de natureza cognitivo-pragmática que integra os planos da semântica proposicional e da coerência discursiva. Do mesmo modo, os termos que designam os tempos verbais (*futuro do presente*, por exemplo) também remetem, em português, tanto a formas verbais que codificam o tempo com morfologia própria (*-rei*) como a funções – no caso, de referência temporal futura ancorada no momento de fala. Um mesmo termo pode se referir, portanto, simultaneamente a uma função e a uma forma gramatical.

e interagir no âmbito de um domínio funcional – o que podemos associar à variação. Considerando que a noção de domínio funcional evoca outras tantas noções – multidimensionalidade, intersecção, sobreposição, multifuncionalidade, gramaticalização, variação –, a questão que se coloca é: como lidar com os tempos verbais, que integram o domínio TAM, na perspectiva da variação linguística?

Na abordagem da sociolinguística variacionista laboviana, a variável linguística, que é o objeto de análise, tem como requisito que as formas variantes expressem o mesmo significado representacional, sendo intercambiáveis num mesmo contexto. No recorte da variável – ou no estabelecimento do envelope de variação –, é preciso levantar as formas que concorrem para o desempenho de um mesmo significado, identificar os contextos em que se dá a variação e desconsiderar casos em que uma forma apresente outros significados, comportamento ambíguo ou categórico (LABOV, 1978; 2008). Ao se estender a aplicação da metodologia variacionista (inicialmente formulada para fenômenos fonológicos) para níveis gramaticais mais altos, foi preciso rever o critério de ‘mesmo significado’, associado ao plano representacional, para ‘comparabilidade funcional’ (LAVANDERA, 1978) ou ‘mesma função comunicativa’ (MILROY; GORDON, 2003), com conseqüente deslocamento da correlação forma-significado referencial para forma-função discursiva. Desse modo, o critério relevante deixa de ser a equivalência semântica e passa a ser a equivalência discursiva ou funcional (TAGLIAMONTE, 2006).⁴ Com a expansão do escopo da variável linguística, a delimitação de um fenômeno variável e o estabelecimento do envelope de variação requerem mais precaução, no sentido de verificar se as formas tidas como variantes expressam uma mesma função, constituindo-se em uma “variável linguística estrita” (GÖRSKI; TAVARES, 2017).

Podemos fazer um pareamento entre ‘mesma função comunicativa’ e ‘mesmo domínio funcional’ e considerar que a tarefa de recortar as camadas que coexistem e concorrem num mesmo domínio funcional equivale à tarefa de recortar as variantes de uma variável linguística. Isso não significa, contudo, que domínio funcional corresponda sempre à noção de variável sociolinguística e vice-versa. Só vai haver essa correlação quando as camadas/formas que se encontram num mesmo domínio podem ser comutáveis no mesmo contexto. Esse é o procedimento adotado nas pesquisas sociofuncionalistas na linha do que propõem Tavares (2003), Tavares e Görski (2015), Görski e Tavares (2017), entre outros.

⁴ Um aprofundamento dessa discussão pode ser conferido em Görski e Valle (2016) e Görski e Tavares (2017).

3. CRITÉRIO PARA DELIMITAÇÃO DAS VARIÁVEIS

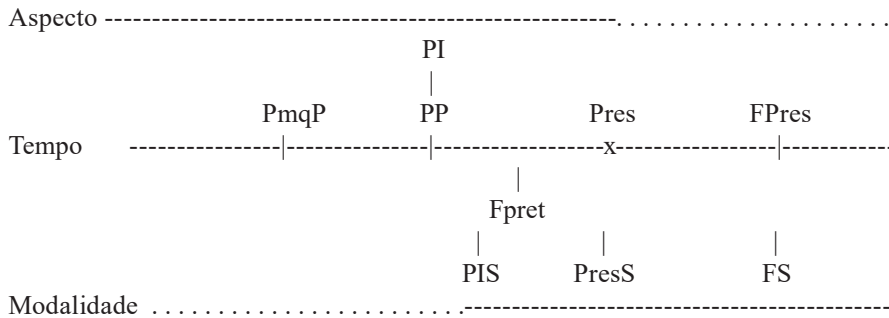
Para operacionalizar a delimitação das variáveis concernentes a tempos verbais, partimos dos respectivos domínios funcionais, que, no caso dos verbos, como já salientado, são complexos e entrecruzados sob o escopo de TAM. Como o objeto de análise é o tempo verbal, elegemos a categoria tempo como critério norteador para a definição dos domínios funcionais no âmbito da temporalidade, sem desconsiderar, porém, que a aspectualidade e a modalidade também compõem, em diferentes graus, cada um dos domínios.

Note-se que, embora as categorias TAM sejam interconectadas, podem ser metodologicamente descritas em separado por representarem diferentes pontos de partida em nossa experiência. Brevemente, podem ser assim caracterizadas: *tempo* – expressa a referência temporal na língua, codificando a relação entre dois pontos (de anterioridade, simultaneidade ou posterioridade) ao longo da dimensão linear do tempo, sendo um deles o ponto de referência para outro tempo (o tempo da situação)⁵; *aspecto* – expressa diferentes modos de perceber a constituição temporal interna de uma situação, envolvendo propriedades semântico-pragmáticas como compactação, delimitação e completude; *modalidade* – expressa a atitude do falante, seu julgamento acerca da informação proposicional, especialmente julgamento epistêmico (de verdade, probabilidade, certeza, crença, evidência) e deontico ou avaliativo (de desejo, preferência, intenção, habilidade, obrigação, permissão, necessidade, manipulação –indicando projeções futuras) (GIVÓN, 1984; 2001; 2002).

O diagrama seguinte ilustra, de forma aproximada, a disposição das referências temporais gramaticalizadas em português na forma de tempos verbais ao longo de uma linha imaginária (a linha contínua central).

⁵ A seguinte distinção é feita em relação aos termos *referência temporal* e *ponto de referência*: a referência temporal corresponde ao tempo da situação (ação/estado) que é codificada pela forma verbal em foco; o ponto de referência é o elemento ao qual a situação se ancora ou com o qual se relaciona temporalmente. Os pontos de referência podem ser dados linguisticamente (como formas verbais, expressões adverbiais, informações precedentes) ou pragmaticamente (através de pistas do contexto situacional, inferências, conhecimento compartilhado).

Diagrama 1.1 – TAM: referências temporais gramaticalizadas em português⁶



Fonte: Elaboração própria.

Na parte superior do diagrama, a linha corresponde ao aspecto; na parte inferior, contempla a modalidade. A parte mais contínua das linhas do aspecto e da modalidade representa o imbricamento mais acentuado dessas categorias com o tempo; a parte pontilhada das mesmas linhas mostra uma interação mais frouxa entre as categorias ou domínios funcionais. A disposição das funções expressas por tempos verbais no diagrama mostra que PmqP, PP, PI e Pres compartilham traços predominantemente temporais/aspectuais, enquanto FPres, Fpret, PIS, PresS e FS compartilham predominantemente traços temporais/de modalidade.

Tomando como ponto de referência inicial o momento de fala indicado por x na linha central, temos as seguintes definições que correlacionam forma e função temporal (GÖRSKI et al., 2002):

Pres – Presente: tempo verbal que codifica uma situação S presente, cotemporal ao momento de fala F, ao qual se ancora tomando-o como ponto de referência R.

PP – Pretérito perfeito: tempo verbal que codifica uma situação S passada em relação ao momento de fala F, ao qual se ancora tomando-o como ponto de referência R.

FPres – Futuro do presente: tempo verbal que codifica uma situação S futura em relação ao momento de fala F, ao qual se ancora tomando-o como ponto de referência R.

O ponto de referência pode ser outra situação diferente do momento de fala:

⁶ Os códigos significam: **Pres** = presente; **PP** = pretérito perfeito; **PI** = pretérito imperfeito; **P+qP** = pretérito mais-que-perfeito; **FPres** = futuro do presente; **Fpret** = futuro do pretérito – os seis do modo indicativo; **PIS** = pretérito imperfeito; **PresS** = presente; **FS** = futuro – os três do modo subjuntivo.

PI – Pretérito imperfeito: tempo verbal que codifica uma situação S passada em relação ao momento de fala F e cotemporal a outra situação também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R.

PmqP – Pretérito mais-que-perfeito: tempo verbal que codifica uma situação S passada e anterior a outra situação também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R.

FPret – Futuro do pretérito: tempo verbal que codifica uma situação S passada e posterior a outra situação também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R, podendo se projetar para além do momento de fala.

Os tempos verbais do modo subjuntivo (PresS, PIS e FS) se assemelham aos correspondentes do modo indicativo em relação à definição temporal, distinguindo-se pelo traço de modalidade predominantemente *irrealis* associada ao subjuntivo e *realis* associada ao indicativo. O traço *irrealis* do subjuntivo é responsável, muitas vezes, por uma projeção de futuridade, de modo que o escopo temporal de PIS, PresS e FS pode ser mais espreado do que o dos tempos verbais do modo indicativo. Além disso, existe uma complexidade sintática maior nos enunciados que contêm tempos verbais no modo subjuntivo, o que requer uma especificação adicional na caracterização de cada um deles, o que será feito adiante.

Os tempos verbais que têm como ponto de referência o momento de fala são chamados de tempos absolutos – eixo do ‘agora’, de caráter dêitico. Os tempos verbais que requerem outro ponto de referência diferente do momento de fala para estabelecer sua referência temporal são chamados de tempos relativo-absolutos – eixo do ‘então’, de caráter anafórico. (COMRIE, 1990). Convém pontuar aqui que as definições centradas no ponto de referência situam o FPres como tempo absoluto. Entretanto, como veremos adiante, podemos ter mais de uma situação codificada à direita do ponto de fala, o que torna um pouco mais complexo o estabelecimento do ponto de referência nesses casos.

4. DEFINIÇÃO E ANÁLISE DOS ENVELOPES DE VARIAÇÃO

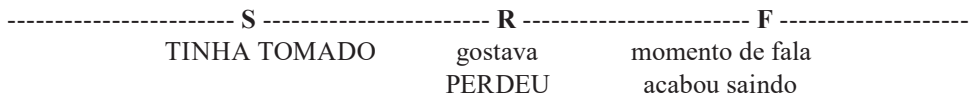
Dentre as nove funções temporais representadas no diagrama na seção precedente, selecionamos para a discussão aqui proposta as seguintes: PmqP, FPres, FPret, PI, PIS, PresS e FS. A exposição que segue é baseada, respectivamente, nos trabalhos das seguintes autoras: Coan (1997); Gibbon (2000); Silva (1998); Freitag (2007); Domingos (2004); Pimpão (2012) e Bittencourt (2014).

4.1 O pretérito mais-que-perfeito (PmqP)

Coan (1997)⁷ selecionou como objeto de estudo a função “anterioridade a um ponto de referência passado: o pretérito (mais-que-) perfeito”, tendo, no decorrer da análise, delimitado para “tempo passado perfectivo anterior a outro tempo passado” (p. 53), colocando em evidência a íntima relação entre tempo e aspecto. Os dados (1) e (2) codificam essa função, representada no diagrama temporal a seguir, com as formas verbais relevantes em caixa alta (p. 43; 69):

(1) ...todo mundo gostava muito daquela iniciativa que a gente TINHA TOMADO. (FLP 23)⁸

(2) Então ela acabou até saindo do serviço, ela trabalhava lá, que ela PERDEU muito serviço... (FLP 03)



A função de anterioridade perfectiva a um ponto de referência passado é gramaticalizada em português, na forma padrão, pelo pretérito mais-que-perfeito simples (*tomara*) ou pelo pretérito mais-que-perfeito composto (*tinha tomado*). Mas, como se nota em (2), a forma verbal de pretérito perfeito simples também pode desempenhar essa função. Na primeira ocorrência, pode haver variação entre *tomara/tinha tomado* e *tomou*. Na segunda, entre *perdeu* e *perdera/tinha perdido*. O que define a possibilidade de coexistência das formas é o fato de participarem do mesmo domínio funcional. E o que possibilita a concorrência entre as formas é o fato de poderem ser intercambiáveis no mesmo contexto sem alterar a função. Em termos variacionistas, portanto, as formas comportam-se como variantes de uma variável linguística.⁹

⁷ Coan (2003) expande a pesquisa para dar conta da variação e mudança (semântica, categorial e substitutiva) dos pretéritos mais-que-perfeito simples e composto e perfeito simples e composto em tempo real e aparente, considerando TAM e referência (R). As amostras são constituídas por dados escritos do século XVI ao século XX, provenientes de peças teatrais, cartas, depoimentos, e dados atuais de fala (do banco de dados Varsul/Florianópolis e do banco Entrevistas Sociolinguísticas/Criciúma). Trataremos, neste capítulo, do trabalho de Coan (1997).

⁸ O código indica a cidade e o número do informante; no caso, FLP = Florianópolis.

⁹ Evidentemente, nem todas as formas verbais de pretérito perfeito funcionam assim. O uso prototípico dessa forma é como tempo absoluto, que toma como ponto de referência o momento de fala. Do mesmo modo, nem todas as formas de pretérito mais-que-perfeito, seja simples ou composto, funcionam em conformidade com a configuração temporal mostrada no diagrama correspondente a (1) e (2). Numa análise variacionista, essas particularidades precisam ser

A decisão de partir da função em vez da forma requer o estabelecimento de critérios objetivos de modo a filtrar os dados relevantes e minimizar o risco de escolhas meramente intuitivas. Coan (1997) considerou as seguintes restrições: (i) restrição relacional – os dados deveriam se ajustar ao diagrama temporal na ordem S–R–F, conforme ilustrado anteriormente (são excluídas ocorrências de passado que representam posterioridade a um ponto de referência passado, anterioridade relativamente ao tempo de fala e habitualidade, mesmo que a forma verbal seja de pretérito mais-que-perfeito); (ii) restrição aspectual – passam pelo filtro apenas as formas verbais que expressam aspecto perfectivo (são eliminadas formas verbais imperfectivas, mas que se ajustem à configuração temporal do diagrama no ponto S); e (iii) restrição da contra-sequencialidade e de substituição – são autorizados somente os casos de formas perfectivas cujo ponto de referência passado esteja codificado no enunciado antes do dado variável (são descartadas ocorrências codificadas sequencialmente, pois, nesse caso, a intercambialidade na mesma função fica prejudicada, conforme se observa em (3) (p. 88)).

(3) O dinheiro das economias que a gente tinha, a gente TINHA ACABADO a casa. (FLP 20)

Em (3), a forma verbal de pretérito mais-que-perfeito composto remete à função de anterioridade a um possível ponto de referência passado depreendido contextualmente, correspondendo ao domínio funcional do PmqP, e o enunciado se ajusta ao diagrama anterior. No entanto, se essa forma verbal for substituída pela forma de pretérito perfeito (*acabou*), o ponto de referência passa a ser o momento de fala, e o dado se desloca para outro domínio funcional, o do PP. Se o foco do estudo fosse apenas o domínio funcional, sem considerar a coexistência de camadas nos termos do princípio da estratificação (HOPPER, 1991), a ocorrência (3) não seria descartada da análise. A autora, contudo, tencionava fazer uma análise variacionista e, nesse caso, a delimitação do envelope de variação requeria critérios adicionais que satisfizessem as exigências de intercambialidade no mesmo contexto.

Coan submeteu aos critérios descritos todos os dados potenciais de análise – extraídos de 36 entrevistas de informantes de Florianópolis, estratificados por idade, sexo e escolaridade de acordo com o banco de dados VARSUL¹⁰ –, tendo encontrado 576 contextos de anterioridade perfectiva a um ponto de referência

consideradas.

¹⁰ Estratificação social dos 36 informantes do Varsul/Florianópolis: idade – 15 a 24 anos, 25 a 50 anos e acima de 50 anos; sexo – masculino e feminino; escolaridade – de 1 a 4 anos, de 5 a 8 anos e de 9 a 11 anos de escolaridade.

passado, em que as formas verbais coexistem e concorrem entre si. A autora obteve o seguinte resultado: nenhuma forma de pretérito mais-que-perfeito simples (as escassas ocorrências assumiram um significado de projeção futura, sem valor temporal passado); apenas 141 dados (24%) apresentaram-se na forma verbal de pretérito mais-que-perfeito composto; 435 ocorrências (76%) foram de forma verbal de pretérito perfeito, desempenhando a função temporal e aspectual de pretérito mais-que-perfeito. É bastante significativa a diferença percentual entre as formas verbais, com amplo predomínio não só de uma forma verbal simples, mas, principalmente, de uma forma verbal que é prototípica de outra referência temporal, apontando para um deslocamento na relação forma-função: a forma verbal de pretérito perfeito se espalha a partir da função PP invadindo fortemente o domínio da função PmqP. Note-se que isso não significa, contudo, que a forma verbal de pretérito mais-que-perfeito composto esteja desaparecendo; ela subsiste, porém com valores multifuncionais (o que seria tema para outra pesquisa).

4.2 O futuro do presente (FPres)

Gibbon (2000) investigou a função futuro do presente que, no diagrama temporal, “situa a ação à direita do ponto de fala” (p. 6). A autora refina a análise relativa ao ponto de referência, distinguindo o que ela chama de futuro simples (uma situação que teria como ponto de referência o momento de fala) do futuro do futuro (uma situação que tomaria como ponto de referência imediato outra situação futura anterior àquela) e do futuro *cotemporal* (uma situação cujo ponto de referência imediato seria outra situação simultânea também futura). Apenas o primeiro caso corresponderia à noção de tempo absoluto; os demais seriam tempo relativo-absoluto, na abordagem da autora.

Tal refinamento, contudo, não interfere significativamente na definição anteriormente proposta para Fpres: tempo verbal que codifica uma situação S futura em relação ao momento de fala F, ao qual se ancora tomando-o como ponto de referência R. Isso porque as situações de futuro sequencial (anterior ou posterior) e de futuro *cotemporal* estão, num primeiro momento, relacionadas com o momento de fala e, num segundo momento, estão ordenadas entre si (MATEUS et al., 1989; BRAGANÇA, 2017).

A função de futuro do presente pode ser assim codificada e representada num diagrama temporal (dados extraídos de Gibbon (2000, p. 9)):

- (4) Acho que muita coisa que ele prometeu ele não está cumprindo ainda. PODERÁ ainda cumprir, mas não está cumprindo. (FLP 07)
- (5) Ela VAI FICAR até dia quinze de abril. É quinze dias. (FLP 11)

(6) FAZ cinco anos, dia vinte e um de outubro. (FLP 19)

----- F/R -----	----- S -----
não está cumprindo	PODERÁ
	VAI FICAR
	FAZ

Observe-se que a situação futura pode estar ancorada diretamente no ponto dêitico, como em (5) e (6), ou em outra situação presente, como em (4). Num primeiro momento, as formas verbais candidatas a desempenhar essa função de referência temporal são a de futuro do presente simples (*poderá/ficará/fará*), a forma perifrástica *ir*Pres + Inf (*vai poder/vai ficar/vai fazer*) e a forma de presente (*pode/fica/faz*).

Para selecionar os dados que comporiam o envelope de variação, a autora submeteu cada ocorrência potencialmente candidata a variante ao teste de substituição, considerando a relação temporal visualizada no diagrama. Nessa testagem preliminar, muitas formas verbais de perífrase foram descartadas por assumirem outras funções como, por exemplo, convite, suposição (função basicamente modal, como em (7)) e habitualidade (função basicamente aspectual, como em (8)), não sendo intercambiáveis com as demais formas verbais na função basicamente temporal (p. 60-61). Em resumo, as três formas verbais concorrentes deveriam ser possíveis em cada contexto, sem alterar a função temporal.

(7) Agora, eu acho que um pobre assalariado, VAMOS TER pena, seu Collor. (FLP 07)

(8) Ah, mas ela trabalha em casa, mas ela trabalha muito porque é aquela luta, né? Limpa casa, atende a filha, VAI LEVAR no colégio, VAI BUSCAR, tem a luta dela também, né? (FLP 07)

Em (7), a perífrase poderia ser substituída pela forma *tenhamos*, expressando um ato de fala manipulativo. Em (8), a substituição das perífrases pelo presente (*leva; busca*) instaura um contexto de habitualidade, fortemente marcado pelo aspecto, sem denotar referência temporal futura.

Formas verbais com auxiliar modal ou aspectual em contexto de futuridade também foram computadas na análise, como em (9), na qual há concorrência entre as três formas verbais (*tenho que/vou ter que/terei que enfrentar*) (p. 86).

(9) Ah, não, eu não vou, porque amanhã é outro dia, e eu, outro dia, TENHO QUE ENFRENTAR todo mundo... (FLP 20)

Gibbon (2000) analisou 36 entrevistas de informantes de Florianópolis/VARSUL, estratificados socialmente (cf. nota 10), tendo encontrado 743 contextos de referência temporal futura com a possibilidade de as três variantes coexistirem. A autora encontrou o seguinte resultado: apenas 10 ocorrências (1%) da forma verbal de futuro do presente simples; 280 dados (38%) com a forma verbal presente; e 453 dados (61%) com perífrase. Esse resultado frequencial aponta claramente para o desuso da forma de futuro do presente (-*rei*) na língua falada, estando a forma perifrástica *ir*Pres + Inf tomando seu lugar para expressar a função de FPres. A autora salienta que a forma verbal de presente concorre com a perífrase, mas sofre restrições contextuais, já que aparece preferencialmente em enunciados que apresentam a noção de futuridade já instaurada, inclusive pelo traço inerente de futuro impresso nos auxiliares modais.

4.3 O futuro do pretérito (FPret)

Silva (1998) analisou a função futuro do pretérito definida como uma situação S passada e posterior a outra situação também passada, à qual se ancora tomando-a como ponto de referência R, podendo se projetar para além do momento de fala. Essa função é representada no diagrama abaixo e exemplificada a seguir (p. 14-19):

----- R -----	----- S -----	----- F -----	(S) -----
fosses	TRARIA/TRAZIAS		
tivesse	TINHA MORRIDO		
morresse	IA ACEITAR		

(10) Se tu fosses num supermercado, numa venda, naquele tempo, com um tostão tu TRARIA bastante pão, TRAZIAS os litros de leite, uns leites muito bons, puros, e um café e açúcar, com aquele tostão, que valia muito. (FLP 12)

(11) Se eu tivesse o problema que eu já tive, tivesse no INPS, eu já TINHA MORRIDO, ó, muito tempo. (FLP 16)

(12) Eu sempre disse pro meu marido que o dia que eu morresse eu IA ACEITAR. (FLP 11)

Em (10), (11) e (12), há uma situação passada (*traria/trazias; tinha morrido; ia aceitar*) que é posterior a outra situação também passada (*fosses; tivesse; morresse*), à qual se relaciona. Enquanto em (10) a situação passada é delimitada pelo momento da enunciação (*traria* naquele tempo), em (11) e (12) a situação passada se projeta para além do momento de fala (o(a) informante não morreu).

Podemos perceber, nos exemplos precedentes, que a função temporal de FPret pode ser desempenhada pelas formas verbais correspondentes a: futuro do

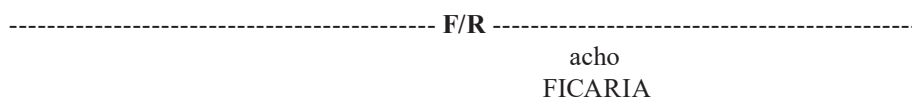
pretérito simples (*traria*), perífrase *ir*PI/ + Inf (*ia aceitar*) e pretérito imperfeito (*trazias; tinha*). Nos três enunciados, é possível fazer a alternância dos itens, mantendo-se o mesmo valor temporal. Observe-se que em (11) *tinha morrido* apresenta a forma verbal de pretérito mais-que-perfeito composto, mas funciona como futuro do pretérito, o que evidencia o caráter multifuncional da forma. É considerada, naquele contexto, como forma de pretérito imperfeito por causa do auxiliar *tinha* que é intercambiável com *teria* e *ia ter*.

Como a análise variacionista requer que as três formas verbais sejam comutáveis no mesmo contexto – no caso, com o mesmo valor temporal –, foram desconsideradas as ocorrências cujo valor temporal é de PI ou de Pres (como em (13) e (14), respectivamente), bem como os dados cuja alternância provocasse interpretação ambígua, como em (15), em que a forma verbal de pretérito imperfeito (*fazia*) daria um caráter de factualidade temporal ao enunciado, com função de PI e não mais de FPret (p. 19; 82; 85).

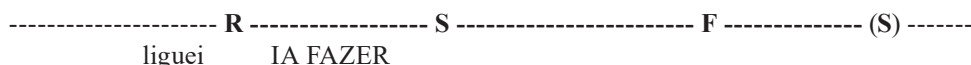
(13) Quando eu comecei a ir pra Curitiba, quando o meu irmão casou e foi morar lá, eu DEVIA TER os meus dez, onze anos, por aí. (FLP 22)



(14) Puxa, agora é que você já me deixou meio confuso, mas eu acho que isso FICARIA hoje em torno bem dos quinhentos cruzeiros, pra você sair ... (FLP 2)



(15) Eu tentei a segunda porque eu queria um outro rapaz, né? Mas aí não deu, aí logo liguei. Eu liguei com vinte. IA FAZER vinte. (FLP 16)



Note-se que em (13) e (14), como mostram os diagramas, o contexto temporal não é de FPret, embora as formas verbais pudessem sugerir que sim. Já em (15), o contexto é de FPret, porém uma das possíveis variantes fica barrada no teste de substituição.

Observadas essas restrições, Silva (1998) examinou 24 entrevistas de Florianópolis/Varsul (considerando duas faixas etárias: de 25 a 50 e acima de 50 anos), encontrando 385 contextos de variação com valor temporal de FPret, com a seguinte distribuição das variantes: 217 (56%) formas verbais de pretérito imperfeito (*cantava/podia cantar*); 102 (27%) formas de perífrase (*ia cantar*) – sendo 8 ocorrências de *iria* – e 66 (17%) formas de futuro do pretérito (*cantaria/poderia cantar*). Esses dados incluem as ocorrências com auxiliares modais e aspectuais. Excluídas essas ocorrências, os resultados sofrem alguma alteração: as formas de pretérito imperfeito (*cantava*) caem para 46%; as perífrases (*ia/iria cantar*) sobem para 37% e a forma de futuro do pretérito (*cantaria*) permanece com 17%. Esses números indicam que a presença do auxiliar na locução verbal influencia a realização da função FPret pela forma verbal de pretérito imperfeito, tal como vimos, na função de FPres, o auxiliar propiciando o uso da forma verbal de presente.

A análise dos dados mostrou também que a forma de futuro do pretérito ocorre com mais frequência quando a projeção temporal vai além do momento de enunciação – o que coloca mais relevo no valor de modalidade –, enquanto a forma de pretérito imperfeito predomina em contextos passados em relação ao eixo dêitico. O conjunto de resultados aponta que a forma verbal de futuro do pretérito está perdendo espaço na fala florianopolitana para a forma verbal de pretérito imperfeito e para a perífrase, na codificação da função temporal FPret, num movimento semelhante, porém não tão avançado, ao que ocorre com o FPres.

4.4 O pretérito imperfeito (PI)

Freitag (2007) tomou como objeto de análise a função de passado imperfectivo, “caracterizada temporalmente pela relação de ordenação e sobreposição, e aspectualmente, pela relação de inclusão” (p. 5), colocando em evidência – assim como fez Coan (1997) para o pretérito mais-que-perfeito – a íntima relação entre tempo e aspecto. A situação expressa pelo passado imperfectivo apresenta as seguintes propriedades: “é anterior ao momento da enunciação; é concomitante a outra situação que se torna seu ponto de referência; apresenta-se como em andamento em relação ao ponto de referência” (FREITAG, 2007, p. 20). As ocorrências e o diagrama a seguir ilustram essa função (p. 120).

(16) Eu cuidei muito disso, porque eu SABIA que ele é muito do tipo machão, que ele ia se importar muito pelo meu futuro. (FLP 20)

(17) Aí voltamos para o hospital, quer dizer, uma não ESTAVA SABENDO da outra, que a outra estava doente, né? (FLP 03)

S
SABIA
ESTAVA SABENDO

----- R ----- F -----
cuidei
voltamos

Tencionando enquadrar o passado imperfectivo como uma variável linguística cujas variantes são as formas verbais de pretérito imperfecto (*precisava*) e de passado progressivo (*estava precisando*), a autora submeteu todas as formas potencialmente concorrentes ao teste de substituição, de modo que a intercambialidade não afetasse a função temporal/aspectual de passado imperfectivo. Foram excluídas da análise variacionista as ocorrências que apresentavam o traço aspectual de habitualidade (como em (18)), por ser esse valor categoricamente associado à forma verbal de pretérito imperfecto, mantendo-se aquelas com valores aspectuais de progressivo, durativo e iterativo (como em (19), (20) e (21), respectivamente). Por fim, foram desconsideradas na análise quantitativa locuções em que o auxiliar era diferente de *estar* (como *ficar*) por terem a frequência de uso bastante reduzida. Os dados seguintes foram extraídos de Freitag (2007, p. 83-87; 128).

(18) ... Mas era um morro assim bem alto mesmo que no dia de chuva o ônibus QUEBRAVA, né? Que era muita lama, que ainda não era calçado... (SC FLP MAC 18)

(19) Era dez da noite, a mãe FAZIA a janta, quando a gente recebeu a notícia que ele se acidentou. (SC FLP MBC 23)

(20) Aí também foi na época que a gente voltou, a gente ESTAVA PRECISANDO economizar pra começar nossa vida. (SC FLP FAP 01)

(21) Ah! Eu quando IA pra casa do meu irmão eu tinha dezesseis anos, dezesseis pra dezessete. (SC FLP MJP 10).

As formas verbais em destaque nos dados (19), (20) e (21) são intercambiáveis por *estava fazendo* (valor progressivo), *precisava* (valor durativo) e *estava indo* (valor iterativo), respectivamente. Já em (18), a substituição por *estava quebrando* (valor habitual) fica impedida.

A amostra analisada na pesquisa foi constituída a partir de 36 entrevistas de Florianópolis/VARSUL, socialmente estratificadas (cf. nota 10). Foram encontrados 882 contextos de PI como fenômeno variável, dos quais 546 (62%) com forma de pretérito imperfecto e 336 (38%) com forma de passado progressivo. Na especificação de valores aspectuais, os contextos tiveram a seguinte distribuição:

durativo (616), iterativo (70), progressivo (60) e contextos considerados ambíguos¹¹ (136). A frequência das formas variantes em cada um desses contextos aspectuais foi: durativo – pretérito imperfeito (62%) e passado progressivo (38%); iterativo – pretérito imperfeito (84%) e passado progressivo (16%); progressivo – pretérito imperfeito (20%) e passado progressivo (80%); ambíguo – pretérito imperfeito (67%) e passado progressivo (33%).

Entre os resultados, destacam-se: (i) a constatação de que o escopo aspectual da forma de pretérito imperfeito (*cantava*) é mais amplo do que o de passado progressivo (*estava cantando*) por recobrir também a habitualidade; (ii) a especialização das formas em certos domínios aspectuais: pretérito imperfeito/iterativo e passado progressivo/progressivo; (iii) a maior concorrência entre as formas no domínio do aspecto durativo, que é também o contexto mais recorrente na amostra.

Podemos perceber que o domínio funcional PI é bem mais abrangente que a variável recortada para estudo, uma vez que as formas coexistentes no domínio precisam passar pelo filtro da substituição para que a variável e as formas concorrentes possam ser adequadamente delimitadas.

4.5 O pretérito imperfeito do subjuntivo (PIS)

Domingos (2004) selecionou como objeto de estudo a função de cotemporalidade a um ponto de referência passado em contexto basicamente *irrealis* (modo subjuntivo) – diferentemente de Freitag (2007), que analisou a mesma função temporal, porém com recorte aspectual em contexto *realis* (modo indicativo). As ocorrências e o diagrama a seguir ilustram a função PIS (p. 62).

(22) ... então um relógio por um real, um dólar era 85 centavos, aqui no Brasil a gente não acreditava que ele PUDESSE FAZER isso, né? (CRI 03)¹²

(23) Hoje eu como de tudo; naquela época, achava que ensopado nada PRESTAVA, então, era o bife, né? (CRI 03)

(24) Coloquei meu filho naquela escola. Eu coloquei porque eu achei que SERIA uma escolinha normal. (CRI 22)

As três ocorrências se enquadram no diagrama abaixo.

¹¹ Casos ambíguos evidenciam o processo de mudança por gramaticalização pelo qual as formas estão passando. Não vamos nos deter nessa discussão aqui.

¹² Domingos (2004) faz uso de dois bancos de dados: Varsul/UFSC (36 informantes da amostra de Florianópolis) e Entrevistas Sociolinguísticas/UNESC (36 informantes da amostra de Criciúma). Na identificação dessas ocorrências, CRI corresponde a Criciúma.

S	
PUDESSE FAZER PRESTAVA SERIA	
R	F
acreditava achava achei	

Nos três dados, as formas verbais destacadas expressam situações passadas que são cotemporais a outras situações também passadas, as quais funcionam como ponto de referência. Ao que parece, as diferentes formas verbais acionadas podem ser substituídas umas pelas outras sem afetar a referência temporal naqueles contextos: *pudesse/podia/poderia*; *prestava/ prestasse/prestaria*; *seria/fosse/era*. Note-se que o traço *irrealis* fica, por vezes, um pouco obscurecido, embora os contextos sejam de subordinação sintática – requisito padrão para o subjuntivo prototípico.

Partir de uma função, como foi o caso do estudo agora reportado, exclui da análise variacionista proposta dados como os seguintes (p. 63-64):

(25) Então eu quero estar dentro da minha casa sossegado, com o espírito sossegado, e gostaria até que os meus filhos **SEGUISSEM** esse ritmo meu. (FLN 12)

F/R	S
gostaria	SEGUISSEM

(26) E, mas daí quando fizeram o primeiro gol, daí nós, aí acho que todo mundo já acreditava que nós **IA SER** campeão mesmo. (CRI 26)

R	S	F
acreditava	IA SER	

Em (25), (*-ria*) é usado com valor temporal de presente, expressando polidez, e (*-sse*) passa a ter valor de presente do subjuntivo, algo equivalente a “quero que meus filhos sigam”, codificando uma situação que se projeta para o futuro a partir de um desejo impresso no significado inerente do item lexical (*gostaria*). Em (26), embora seja possível a permuta das formas *ia ser/fosse ser/iria ser* em contexto *irrealis*, elas não codificam a função de cotemporalidade a um ponto de referência passado, mas de FPret. Assim, nem todas as formas verbais de *-sse* equivalem à função de PIS, conforme definido aqui.¹³ Da análise variacionista,

¹³ A respeito da multifuncionalidade de PIS, Back (2008) examinou 60 entrevistas do banco

foram também descartadas ocorrências com a construção *como se fosse*, mesmo que contemplassem a função temporal em pauta, uma vez que todos os dados foram categoricamente codificados com a forma verbal subjuntiva (-sse).

Na amostra constituída por 36 informantes de Florianópolis, foram encontrados 287 dados de cotemporalidade a um ponto de referência passado em contexto *irrealis*, assim distribuídos: 7 ocorrências (2%) da forma verbal de futuro do pretérito (-ria); 130 ocorrências (45%) da forma verbal de pretérito imperfeito do subjuntivo (-sse); e 150 ocorrências (52%) da forma verbal de pretérito imperfeito do indicativo (-va, -ia). Dados com auxiliar em locução verbal também foram considerados nesse conjunto, perfazendo essas construções quase um terço do *corpus* analisado. Esses resultados apontam que, na função de PIS, embora haja uma concorrência acirrada entre as formas verbais subjuntiva e indicativa, a última se encontra na dianteira na fala florianopolitana.

Entre os contextos de uso das formas verbais variantes, destacam-se: (i) preferência pela forma verbal de pretérito imperfeito do subjuntivo quando a situação expressa algo imprevisível ou difícil de acontecer e predomínio da forma verbal do indicativo quando se fala sobre algo que se acredita que vá acontecer; (ii) maior frequência da forma subjuntiva quando não há auxiliar presente na construção (*comprasse*) e recorrência bem maior da forma indicativa em locução verbal com auxiliar (*podia comprar*). A autora conclui que “quanto mais distante se encontra o fato sobre o qual se fala, menos conhecido ele é e, por isso, mais relação com o modo verbal prescrito a essas situações” (DOMINGOS, 2004, p. 113). Além disso, o auxiliar, quando modal, já projeta um contexto de futuridade, o que liberaria a forma subjuntiva (*pudesse comprar*) de desempenhar essa tarefa, abrindo espaço para a forma indicativa (*podia comprar*).

4.6 O presente do subjuntivo (PresS)

Pimpão (1999; 2012) investigou o PresS, objetivando compreender o funcionamento do uso variável do modo subjuntivo em alternância com o indicativo no tempo presente. Vamos nos limitar, nesta subseção, à pesquisa de Pimpão (2012), que buscou distribuir esse uso variável em um *continuum* de modalidade (deôntica > epistêmica). Diferentemente dos trabalhos reportados nas subseções precedentes, que partiram de uma função no âmbito de TAM para então delimitar uma variável

Entrevistas Sociolinguísticas da UNESC/Criciúma, analisando as funções de PIS em termos de prototipicidade dos usos em cada um dos domínios funcionais que compõem TAM. Em relação a tempo, a cotemporalidade a um ponto de referência passado mostrou-se como função prototípica, mas outras funções, espalhando-se para outros tempos, também foram apreendidas.

no interior de um domínio mais abrangente, Pimpão estabeleceu como ponto de partida a forma – não para explorar a multifuncionalidade, como fez Back (2008) para o PIS (cf. nota 14) e Bittencourt (2014) para o FS (cf. subseção seguinte), mas para averiguar o comportamento variável das formas verbais de presente do subjuntivo e de presente do indicativo. As ocorrências seguintes são exemplares desse comportamento (p. 101; 22).

(27) Ah, só espero que o Brasil não PERCA hoje. Por causa do tempo, também, está mudando. (FLP 19)

(28) É porque a gente falou, né? se for mulher eu escolho, se for homem ele escolhe. Espero que ele ESCOLHE um nome bonito, né? Pra depois o filho não reclamar quando crescer. (FLP 06)

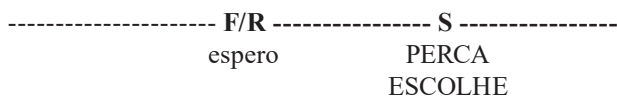
Ambos os dados precedentes apresentam as formas verbais de presente do subjuntivo e de presente do indicativo, respectivamente, sob o escopo sintático-semântico do verbo principal “esperar”, que, pelo significado inerente ao item lexical, projeta, por si só, um contexto *irrealis* de futuridade, o que é reforçado pela informação contida nas orações subordinadas. Compare-se com (p. 99; 111):

(29) Olhar ainda vai, pra dar uma espiada, ainda vai. Pois é, talvez eu não GOSTO, porque eu não aprendi a dançar, né? (FLP 10)

(30) Então eu vejo uma função muito sobre uma nobreza incrível. Embora o povo infelizmente não TEM esse discernimento. (FLP 38)

Em (29) e (30), diferentemente das duas ocorrências anteriores, a situação codificada pela forma de presente do subjuntivo é cotemporal ao presente. Em ambos os casos, há um gatilho lexical (*talvez, embora*) que aciona, de acordo com o uso padrão, o modo subjuntivo, mas o que temos são duas formas verbais de presente do indicativo (*gosto e tem*), que são intercambiáveis com as formas subjuntivas (*goste e tenha*).

Como poderíamos dispor esses dois pares de dados em diagramas temporais? Pimpão não apresentou explicitamente linhas do tempo, mas poderíamos traçar a seguinte configuração para as ocorrências (27) e (28):



A forma verbal *espero* atua como ponto de referência para a situação de perder o jogo, que, no momento da enunciação, ainda iria acontecer; e também para a situação de escolher o nome do filho que ainda não tinha nascido. Do ponto de vista

da referência temporal, temos uma forma de presente do subjuntivo expressando um valor de futuridade acionado pela modalidade deôntica de desejo que reveste o enunciado e corroborado pelas situações projetadas no futuro. Trata-se de um contexto claramente *irrealis*.

Já em (29) e (30), não há projeção futura nas situações codificadas pelas formas verbais em destaque. A linha do tempo poderia ser representada como:

----- F/R/S -----
GOSTO
TEM

No primeiro dado, *gosto* se ancora diretamente no momento de fala e essa é uma característica de boa parte dos enunciados com *talvez*, mecanismo que instaura um contexto de modalidade epistêmica de baixa certeza. No segundo dado, *tem* se relaciona com *vejo*, um ponto de referência presente, e *embora* aciona um conteúdo pressuposto, num contexto *realis*.

Dessa problematização, pode-se inferir que a delimitação de uma variável a partir da noção de domínio funcional se torna um tanto mais complexa em se tratando de PresS. Um recorte da variável a partir da função temporal, por exemplo, deveria se restringir a um dos tipos de contexto representados nos diagramas. Pimpão, no entanto, optou por tomar como parâmetro um critério formal, a saber, os contextos sintáticos previstos em gramáticas de linha tradicional para emprego do presente do subjuntivo: orações substantivas, orações adverbiais, orações adjetivas, orações com o item *talvez* e, adicionalmente, orações parentéticas (do tipo *que eu me lembro; que eu conheça*). Assim, cada tipo de contexto sintático se constituiu numa subamostra e os valores associados a TAM foram controlados como variáveis independentes.

O *corpus* a que vamos nos ater é de 44 entrevistas de Florianópolis/VARSUL, que incorporam (além das 36 mencionadas na nota 10) oito informantes universitários.¹⁴ Os dados de análise correspondem às ocorrências em que pode acontecer a variação entre as formas verbais de presente do subjuntivo e de presente do indicativo em cada um dos cinco contextos linguísticos já mencionados. Foram excluídos da análise variacionista: marcadores discursivos (*imagina, olhe, veja*), expressões cristalizadas (*Deus me livre!*), neutralizações modo-temporais (*vamos,*

¹⁴ Além das entrevistas de Florianópolis, Pimpão (2012) considerou 24 entrevistas de Lages (amostra sincrônica) e analisou também uma amostra diacrônica constituída por 244 cartas ao redator, publicadas em jornais de Florianópolis e de Lages desde as duas últimas décadas do século XIX até o final do século XX (Projeto PHPB/SC).

vão), contextos aparentes de PresS (*Não creio que estes fatos tenham ocorrido em Santa Catarina*). No último caso, *tenham ocorrido* é intercambiável com *ocorreram*, com referência temporal passada.

Foram encontrados 445 contextos de PresS na amostra analisada, envolvendo o conjunto dos cinco contextos sintáticos, com a seguinte distribuição das formas verbais: 260 dados (58%) de presente do subjuntivo e 185 dados (42%) de presente do indicativo. A distribuição por contexto foi a seguinte: orações substantivas – 136 dados (64% de subjuntivo e 36% de indicativo); orações adverbiais – 111 dados (59% de subjuntivo e 41% de indicativo); orações adjetivas – 130 dados (49% de subjuntivo e 51% de indicativo); orações com *talvez* – 47 dados (57% de subjuntivo e 43% de indicativo); e construções parentéticas – 21 dados (71% de subjuntivo e 29% de indicativo). Percebe-se, em linhas gerais, que as formas verbais de presente do subjuntivo e presente do indicativo encontram-se em disputa acirrada para a codificação da complexa função de PresS na fala florianopolitana.

Entre os resultados mais significativos, a autora destacou que contextos de modalidade deôntica de volição com projeção futura propiciam o uso da forma verbal de presente do subjuntivo. Em contrapartida, contextos de modalidade epistêmica de certeza são os que mais favorecem o uso do presente do indicativo. Entre esses dois polos, há um *continuum* de modalidade em que se distribui a maior parte dos dados analisados. Aproximando tais resultados aos diagramas delineados para as ocorrências (25)/(26) e (27)/(28), percebemos que é na função temporal representada no primeiro diagrama que a forma verbal de presente do subjuntivo é privilegiada. Por outro lado, é na função temporal representada no segundo diagrama que a forma verbal de presente do indicativo encontra maior espaço para realização.

4.7 O futuro do subjuntivo (FS)

Bittencourt (2014) analisou a multifuncionalidade do futuro do subjuntivo, entendido como um domínio funcional que recobre basicamente tempo e modalidade – categorias e/ou funções que se entrecruzam na expressão do *irrealis* que caracteriza aquele domínio. Trata-se de um tempo verbal que descreve situações posteriores ao momento de fala, que, por sua vez, estabelecem relação de anterioridade, cotemporalidade ou posterioridade a outras situações também futuras, comportando-se como tempo relativo-absoluto. Seu emprego padrão se restringe a orações subordinadas. As ocorrências a seguir ilustram o funcionamento do futuro do subjuntivo (p. 32; 50).

(31) Acredito na lei do carma, né? Que tudo que tu FIZERES, tu vais prestar conta um dia. (POA, 18)

----- F ----- S ----- R -----
FIZERES vais prestar

Em (31), o FS expressa uma situação num futuro hipotético (posterior ao momento de fala), que é anterior a outra situação no futuro: a situação “fazer” é anterior a “prestar contas”, informada na oração nuclear. Trata-se de um enunciado não factual, fortemente marcado pela modalidade *irrealis*. Possíveis formas concorrentes no contexto acima seriam *faças/fazes* – ambas no presente, alterando o modo; a substituição menos provável seria por *farás*, forma que compartilha o mesmo tempo futuro com o dado destacado.

Já (32), embora se acomode ao diagrama precedente, parece ter a possibilidade de comutação das formas verbais limitada apenas a *acomoda*, ficando a forma de presente do subjuntivo barrada pela estrutura sintático-semântica de condicionalidade (*se*).

(32) Se a gente se ACOMODAR, o tempo passa e a gente fica. (POA 22)

Para delinear o leque de multifuncionalidade de FS, a autora examinou entrevistas sociolinguísticas das capitais Florianópolis, Curitiba e Porto Alegre (Varsul). Os principais resultados apontam que “o FS distribui-se em padrões funcionais de usos, num *continuum* entre ‘mais tempo (futuro) e menos modalidade’ e ‘menos tempo e mais modalidade’” (BITTENCOURT, 2014, p. 11), com a grande maioria dos dados concentrada no entremeio, em que outros fatores atravessam o domínio, evidenciando o carácter multifuncional do FS. Como essa pesquisadora não tratou de variação, não vamos nos estender na função FS.

Uma visão panorâmica da distribuição das referências temporais e respectivas formas de codificação pode ser conferida na Tabela 1.1, cujos resultados devem ser considerados à luz do encaminhamento metodológico particular a cada um dos fenômenos, conforme descrito ao longo da seção.

No arranjo dos itens na tabela, a primeira forma verbal de cada variável é aquela considerada a padrão para a função, e a(s) outra(s) são as formas concorrentes. Um olhar para as porcentagens indica que, na fala de Florianópolis, PI e PreS são as únicas funções cuja codificação mais frequente é feita pela forma padrão (*cantava* e *cante*, respectivamente). O PmqP é preferencialmente codificado pela forma verbal de pretérito perfeito (*cantei*); no FPres, é a perífrase a forma predominante

(*vou cantar*). Chama a atenção a forma verbal de pretérito imperfeito do indicativo espalhando-se para outros domínios funcionais: é a mais recorrente, codificando sua função de origem (PI), bem como a função temporal correspondente no modo subjuntivo (PIS), além de ser a mais frequente na função de FPret – evidência de sua multifuncionalidade expandida.

Tabela 1.1 – Referências temporais gramaticalizadas em português: funções e formas concorrentes na fala de Florianópolis/Varsul

Funções/formas	N	Porc.	Observações
PmqP tinha cantado cantei	141 435	24% 76%	Não ocorreu nenhuma forma de pretérito mais-que-perfeito simples (cantara).
FPres cantarei vou cantar canto	10 453 280	1% 61% 38%	Dados de locução verbal com auxiliar estão incluídos.
FPret cantaria ia/iria cantar cantava	66 102 217	17% 27% 56%	Dados de locução verbal com auxiliar estão incluídos.
PI cantava estava cantando	546 336	62% 38%	Recobre os aspectos durativo, progressivo e iterativo (menos o habitual).
PIS cantasse cantava cantaria	130 150 7	45% 52% 2%	Dados de contexto irrealis.
PresS cante canta	260 185	58% 42%	Estão reunidos os cinco contextos sintáticos analisados. Dados de contexto realis-irrealis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este texto se caracterizou mais por examinar questões de ordem conceitual e metodológica que estão diretamente envolvidas na constituição de envelopes de variação concernentes a fenômenos gramaticais fortemente marcados por valores semântico-pragmáticos – como é o caso de TAM – do que por apresentar resultados robustos associados a efeitos probabilísticos. Nas pesquisas variacionistas, costumamos repetir o mantra de que “a metodologia é o coração”. Isso é ainda mais verdadeiro ao se tratar de análises de fenômenos gramaticais de níveis mais altos, quando o pesquisador pode ficar mais suscetível a tomar decisões impressionistas, dada a natureza por vezes escorregadia dos fenômenos investigados.

Para analisar o uso variável de tempos verbais, estabelecemos um critério temporal, embora os fenômenos em pauta integrem um amplo e complexo domínio funcional que abriga também aspecto e modalidade. Tomando como norte a referência temporal envolvida na relação entre dois pontos – a situação codificada

pela forma verbal e seu ponto de referência –, dispostos num diagrama linear, diferentes domínios funcionais foram caracterizados, cada um deles podendo recobrir uma ou mais variáveis linguísticas, delimitadas basicamente a partir do teste de substituição das formas coexistentes e concorrentes no mesmo contexto, sem alterar a função temporal. A tarefa de compor os envelopes de variação foi descrita passo a passo, evidenciando-se que um domínio funcional é mais abrangente do que uma variável, pois esta é, por definição, sujeita a restrições que podem excluir dados de seu escopo.

Uma vez estabelecido o terreno da variação para sete diferentes referências temporais gramaticalizadas no português, procedeu-se, então, à exposição de resultados frequenciais para seis delas, associados às variantes de cada variável circunscrita nos limites do respectivo domínio funcional, bem como se apresentou uma descrição geral de contextos preferenciais de uso.

Em termos gerais, é possível observar que, (i) a exemplo da simplificação que vem acontecendo na morfologia número-pessoal do português, o paradigma modo-temporal também vem sofrendo redução; (ii) embora as gramáticas normativas costumem apresentar, no paradigma verbal, formas sintéticas – mencionando formas analíticas apenas nos chamados tempos compostos, com o auxiliar *ter/haver* + Part (*tinha cantado*) –, o sistema verbal do português já absorveu as formas analíticas *ir* + Inf (*vou cantar, ia/iria cantar*) e *estar* + Ger (*estava cantando*), as quais se mostraram bastante produtivas na codificação dos domínios funcionais considerados.

REFERÊNCIAS

- BACK, Â. C. di P. *A multifuncionalidade da forma verbal -sse no domínio tempo-aspecto-modalidade: uma abordagem sincrônica*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2008. 310p.
- BITTENCOURT, D. L. de. *O domínio funcional do futuro do subjuntivo: entre temporalidade e modalidade*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. 345p.
- BRAGANÇA, M. L. L. *Uma proposta de articulação teórico-metodológica entre os campos variacionista, funcionalista e dialógico para o tratamento de variação/mudança: reflexões a partir da expressão do futuro do presente*. Tese (Doutorado em Linguística), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. 696p.

COAN, M. *Anterioridade a um ponto de referência passado: pretérito (mais-que) perfeito*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997. 177p.

COAN, M. *As categorias Tempo, Aspecto, Modalidade e Referência na significação dos pretéritos mais-que-perfeito e perfeito: correlação entre função(ões)-forma(s) em tempo real e aparente*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. 233 p.

COMRIE, B. *Tense*. 4. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DOMINGOS, R. de F. de A. *Varição no uso do pretérito imperfeito (indicativo e subjuntivo) na função de cotemporalidade a um ponto de referência passado*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. 125p.

FREITAG, R. M. M. Ko. *A expressão do passado imperfectivo no português: variação/gramaticalização e mudança*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. 238p.

GIBBON, A. de O. *A expressão do tempo futuro na língua falada de Florianópolis: gramaticalização e variação*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2000. 126p.

GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1984.

GIVÓN, T. *Syntax: an introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, vols. I e II, 2001.

GIVÓN, T. *Bio-linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2002.

GÖRSKI, E. M.; GIBBON, A.; COAN, M.; PIMPÃO, T.; SILVA, T. *Varição nas categorias verbais de tempo e modo na fala de Florianópolis*. In: VANDRESEN, Paulino (Org.). *Varição e mudança no português falado da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT, 2002. p. 217-268.

GÖRSKI, E. M.; VALLE, C. R. M. *Varição discursiva: procedimentos metodológicos para delimitação do envelope de variação*. In: FREITAG, Raquel Meister Ko.; SEVERO, Cristine G.; GÖRSKI, Edair M. (Orgs.). *Sociolinguística e política linguística: olhares contemporâneos*. São Paulo: Blucher, 2016. p. 79-99.

GÖRSKI, E. M.; TAVARES, M. A. *O objeto de estudo na interface variação-gramaticalização*. In: BAGNO, Marcos; CASSEB-GALVÃO, Vânia; REZENDE,

Tânia F. (Orgs.) *Dinâmicas funcionais da mudança linguística*. São Paulo: Parábola. 2017. p. 35-63.

HOPPER, P. On some principles of grammaticization. In: TRAUGOTT, Elizabeth, HEINE, Bernd (Eds.). *Approaches to grammaticalization*. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p. 17-35.

LABOV, W. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. *Working Papers in Sociolinguistics*, 44, p. 1-17, 1978.

LABOV, W. *Quantitative reasoning in linguistics*. 2008. Disponível em: <<http://www.ling.upenn.edu/~wlabov/home.html>>. Acesso em: 15 abr. 2015.

LAVANDERA, B. Where does the sociolinguistic variable stop? In: *Language in Society*, v. 7, p. 171-82, 1978.

LEHMANN, C. Gramática funcional. In: PERES DE OLIVEIRA, Taísa, SOUZA, Edson Rosa Francisco de (Orgs.). *Funcionalismo: princípios, metas e métodos. Atas do I Simpósio Internacional de Linguística Funcional*. (Revista Guavira Letras, Três Lagoas). 2011. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 25-27 de maio de 2011. Disponível em: <http://www.christianlehmann.eu/publ/gramatica_funcional.pdf> Acesso em: 15 abr. 2015.

MATEUS, M. H. M.; BRITO, A. M.; DUARTE, I.; FARIA, I. H. *Gramática da língua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1989.

MILROY, L.; GORDON, M. Beyond phonology: analyzing and interpreting higher level variation. In: MILROY, Lesley; GORDON, Matthew. *Sociolinguistics: method and interpretation*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 169-197.

PIMPÃO, T. *Variação no presente do modo subjuntivo: uma abordagem discursivo-pragmática*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999. 129p.

PIMPÃO, T. S.; GÖRSKI, E. M.. Interpretação qualitativa de resultados quantitativos: uma análise do processo metodológico na comparação de diferentes pesquisas, *Working Papers em Linguística*, Florianópolis, n. 1, p. 71-81. 2010.

PIMPÃO, T. *Uso variável do presente no modo subjuntivo: uma análise de amostras de fala e escrita das cidades de Florianópolis e Lages nos séculos XIX e XX*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. 303p.

SILVA, T. S. da. *A alternância entre o pretérito imperfeito e o futuro do pretérito na fala de Florianópolis*. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998. 135p.

TAVARES, M. A. *A gramaticalização de E, AÍ, DAÍ, e ENTÃO: estratificação/ variação e mudança no domínio funcional da sequenciação retroativo-propulsora de informações – um estudo sociofuncionalista*. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. 286p.

TAVARES, M. A.; GÖRSKI, E. M. Variação e sociofuncionalismo. *In*: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Orgs.). *Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 249-270.

TAGLIAMONTE, S. A. *Analysing sociolinguistic variation*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.

